



Universidade de Brasília  
Campus Darcy Ribeiro  
Departamento de Artes Cênicas  
Curso de Licenciatura em Artes Cênicas

GLAUCILENE FERREIRA SOARES

**CURRÍCULO E QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NOS CURSOS DE ARTES  
CÊNICAS DA UNB:  
PROBLEMÁTICAS DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

Brasília

2023

GLAUCILENE FERREIRA SOARES

**CURRÍCULO E QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NOS CURSOS DE ARTES  
CÊNICAS DA UNB:  
PROBLEMÁTICAS DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, como requisito final para a obtenção do título de Licenciada em Artes Cênicas.

Orientador: Prof. Dr. Érico José Souza de Oliveira.

Brasília

2023

GLAUCILENE FERREIRA SOARES

**CURRÍCULO E QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NOS CURSOS DE ARTES  
CÊNICAS DA UNB:  
PROBLEMÁTICAS DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, como requisito final para a obtenção do título de Licenciada em Artes Cênicas.

Data de aprovação: 18 de dezembro de 2023.

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Érico José Souza de Oliveira (Orientador)

Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Jennifer Jacomini de Jesus (Membra externa)

Departamento de Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Luciana da Costa Dias (Membra interna)

Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília

*A todas as mulheres da minha família, à minha filha, ao meu filho, à minha companheira afetiva e aos meus amigos: nós descobrimos quem nós somos e somos de propósito, o nosso amor definirá sempre nossa trajetória. Eu amo vocês!*

## AGRADECIMENTOS

Já não lembro como aconteceu, se as encontrei ou elas encontraram a mim, mas com certeza, elas me conquistaram: sou grata à ancestralidade e à arte, que me convidam a sonhar coisas lindas, me alimentam com força, realidade e valor, me permitindo me sentir um pouco viva, me permitindo recriar o mundo para a gente caber junto. Eu as encontrei dentro de mim, nunca fui só.

À minha mãe Cláudia Lúcia Ferreira Soares, que sempre será meu melhor lar.

Ao meu padrasto Rivelino Monteiro de Souza que sempre esteve ao meu lado me apoiando ao longo de toda a minha trajetória.

À minha companheira Iariadney Alves da Silva por recriar o mundo junto comigo

Aos meus filhos, Sophia Caroline Soares Simão e Davi Lucca Soares Simão, que sempre me motivaram a construir um mundo melhor para nós.

Sou grata ao meu orientador Érico José Souza de Oliveira por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa e por ser um artista comprometido com a arte antirracista. O admiro.

Também agradeço a meus amigos Amaíara Misqueli Cavalcante Lemos, Bruna Rosa Dias, Fernanda Lobato de Moraes Santos, Suellen Cardoso de Almeida Moreira, Valdirene Queiroz de Rezende, Manu Regis, Rafael dos Santos Nunes, Victor Moreira Silva e Wellington Sampaio Ribeiro que sempre me ajudaram com afeto e amor, me apoiando em todas minhas escolhas profissionais. Eu amo vocês.

A todas e todos, professoras e professores que passaram por minha formação, às professoras e aos professores do curso de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, principalmente professoras negras, pela excelência da qualidade técnica de cada um.

A todas e todos que contribuíram direta ou indiretamente para realização deste trabalho.

## **RESUMO**

A presente pesquisa busca lançar algumas reflexões sobre o racismo estrutural e institucional identificados na estrutura curricular que orienta os cursos de Artes Cênicas da UnB (2019-2023). Tais informações foram obtidas por meio das análises documentais do Projeto Político Pedagógico da instituição. Pretende também problematizar a totalidade das referências bibliográficas brancas, e demonstrar o quanto que os currículos das habilitações Bacharelado e Licenciatura e a cosmovisão do curso de Artes Cênicas da Universidade de Brasília ainda estão pautados em uma única forma de pensar e criar a arte, resultando em epistemicídios dos estudos afro-brasileiros. Apresenta ainda dados que são potentes para reflexão e construção de novas formas de agir e entender o espaço da Educação a partir de uma perspectiva negra.

**Palavras-chave:** Currículo. Racismo. Relações Étnico-Raciais.

## **ABSTRACT**

This research seeks to launch some reflections on the structural and institutional racism identified in the curricular structure that guides the Performing Arts courses at UnB (2019-2023). This information was obtained through documentary analysis of the institution's Pedagogical Political Project. It also aims to problematize the totality of white bibliographic references, and demonstrate the extent to which the curricula of the Bachelor's and Bachelor's degrees and the worldview of the Performing Arts course at the University of Brasília are still based on a single way of thinking and creating art, resulting in epistemicide of Afro-Brazilian studies. It also presents data that is powerful for reflection and the construction of new ways of acting and understanding the space of education from a black perspective.

Keywords: Curriculum. Racism. Ethnic-Racial Relations.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Gráfico autores Bacharelado	20
Figura 2- Gráfico autores Licenciatura	21
Figuras 3 - Pretinhsidades	32
Figura 4 – Documentário <i>RUMO</i>	33
Figura 5 - 100% white das Artes Cênicas	37
Figura 6 - Preciosidades	39

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Ausências	22
Tabela 2 - Ações Antirracistas	23

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
1.1	OBJETIVOS.....	17
1.1.1	Objetivo Geral .....	17
1.1.2	Objetivos Específicos.....	17
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>17</b>
<b>3</b>	<b>PROCURANDO AGULHA NO PALHEIRO.....</b>	<b>18</b>
<b>4</b>	<b>POTENCIAL ANTIRRACISTA.....</b>	<b>23</b>
<b>5</b>	<b>ARTIVISTA: DANDO VOZ AO SONHO .....</b>	<b>29</b>
<b>6</b>	<b>CARÔMETRO .....</b>	<b>36</b>
<b>7</b>	<b>DE TODAS AS INQUIETAÇÕES, ALGUMAS PISTAS.....</b>	<b>41</b>
<b>8</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>43</b>
<b>9</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>46</b>
<b>10</b>	<b>GLOSSÁRIO .....</b>	<b>49</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Eu só quero lhes mostrar um pouco de como o mundo é para mim, e o que eu quero dele. Quero pertencer, sendo feliz e realizada, e que todas as pessoas de pele negra sintam-se pertencentes também. Para isso, preciso contar como cheguei até aqui.

Aos 17 anos de idade passei para este mesmo curso de Licenciatura em Artes Cênicas, mas não pude cursar, pois minha história de vida já estava “direcionada” a uma desestruturação sistêmica social e racista: filha de mãe solo, irmã de quatro irmãos, vivendo em um cenário de pobreza extrema. Precisei decidir entre a graduação ou se continuaria me doando ao serviço doméstico que iniciei aos 13 anos. Optei pela estatística e continuei a lida, precisava ajudar em casa e naquela época não consegui perceber espaço para sonhar, mesmo sendo tudo o que eu sempre quis.

Aos 25 anos, e em outro tempo da minha história, atualizei o sonho, tecendo o mundo, lançando-me ao mar, indo ao encontro de territórios desconhecidos na busca de encontrar a mim mesma. Eu, me construindo Artivista, artista e educadora, ansiando o espiralar de sonhos possíveis, junto a referências que pautassem inquietações semelhantes às minhas.

Percebi que a estrada é longa e que não há mais retorno quando se reconhece negra neste mundo. Já não era mais possível viver tanto desmantelo social, emocional, coletivo e pessoal. Amordaçada, eu precisava, e ainda preciso, dizer ao mundo que desejo ser feliz e realizada. Esse pedido se transformou em prece e todos os dias enquanto existir vida em mim, direi ao mundo qual é a minha prece.

Em 2017, iniciei a minha trajetória na Universidade de Brasília, pisei com o pé direito no Campus Darcy Ribeiro. Lá estava eu: mulher de pele retinta, escura, mãe de duas crias pretas, periférica e sonhadora. Era meu primeiro semestre e eu já sabia o que estava por vir: não seria fácil, mas eu, obstinada e corajosa, fui, assim como aprendi vendo as mulheres negras da minha família: elas nunca desistiram enquanto fosse possível.

Logo me aliei a outras estudantes negras, com histórias e corres parecidos, muitas vezes dividindo entre uma aula e outra a missão de maternar. Sabemos que para educar uma criança é preciso uma aldeia inteira, como diz o provérbio Igbo<sup>1</sup>. Apesar de muitas vezes me

---

<sup>1</sup> Igbo ou ibos são um dos maiores dos mais dos 500 grupos étnicos da Nigéria, país da África Ocidental que tornou-se independente da colonização britânica em 1960, atualmente composto por 36 estados e distrito federal e habitado por mais de 200 milhões de habitantes. Os igbos foram um dos povos mais atingidos pelo comércio transatlântico de escravizados nos séculos XVI e XIX. Entre 1967 e 1970, durante a Guerra Civil Nigeriana, fundaram seu próprio país, a República do Biafra.

sentir solitária neste espaço (leia-se solidão como o fato de não me sentir pertencente), eu sempre busquei as melhores versões de mim. Estou em um espaço quase que em sua totalidade branco, com pessoas elitistas e racistas e precisei usar minha saúde mental de forma atenta e equilibrada, buscando entender o cenário, o tempo e a história minha e desta instituição.

Em 2003, a universidade de Brasília inspirou esperança e tornou-se conhecida por ser a primeira universidade federal a implementar cotas raciais na seleção de estudantes no Brasil. A Lei de Cotas se estendeu para todas as universidades e escolas técnicas do Governo Federal e uma década depois tornou-se legislação nacional. Com isso, celebro os movimentos negros engajado, articulado e insurgente por lutar de forma digna por todas as pessoas negras. Graças às políticas de ações afirmativas eu estou sonhando, sonhos que se tornaram possíveis para mim e para os meus pares.

O que seguirá é processo, ainda estamos em movimentos prematuros e de muita resistência. Percebemos que apesar da universidade ter sido vanguarda e criado a Lei de Cotas, ela se encontra cometendo ilegalidades quando se trata da lei 10.639/2003 e da Resolução nº 01, de junho de 2004, do Conselho Nacional de Educação, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no Ensino Superior.

A universidade sempre foi complexa, sendo ela formada pela sociedade que é racista. Conforme os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022), podemos perceber quem é o alvo de violações de direitos.

São fortes o indicativo do preconceito e do racismo, que se manifestam de diferentes formas de violência e de opressão praticadas contra o povo negro tanto pelo poder público quanto pelos não negros. Historicamente, os estudos do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) revelam que os negros são a maioria das vítimas de assassinato. Durante 2021, em cada 100 homicídios, 78 pessoas eram negras, e 84,1% dos mortos pelas polícias eram afro-brasileiros. No mesmo ano, foram registrados 13.830 casos de injúria racial e 6.003 de racismo, crimes inafiançáveis e imprescritíveis. O enrijecimento da legislação penal não inibe a violência contra os pretos, sobretudo quando ela é praticada pelos agentes públicos (Correio Brasiliense, 2023).

Tais fatos revelam tamanha complexidade. Porém, estamos em um tempo em que, como pessoas negras, desejamos resgatar a nossa história de uma forma poética, bonita, realizada, inteligente e digna. Assim como Abdias do Nascimento<sup>2</sup>, quando criou o Teatro Experimental do Negro (tem), com o objetivo de fortalecer pessoas negras:

---

<sup>2</sup> Abdias do Nascimento foi um ator, poeta, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político

Quando, em 1944, fundei, no Rio de Janeiro, o Teatro Experimental do Negro-TEN, o processo de libertação do negro uma vez mais retomou seu caminho, recuperou suas forças e seu ritmo. O que é o TEN? Em termos dos seus propósitos, ele constitui uma organização complexa. Foi concebido fundamentalmente como instrumento de redenção e resgate dos valores negro-africanos, os quais existem oprimidos e/ou relegados a um plano inferior no contexto da chamada cultura brasileira, onde a ênfase está nos elementos de origem branco-européia. Nosso teatro seria um laboratório de experimentação cultural e artística, cujo trabalho, ação e produção explícita e claramente enfrentavam a supremacia cultural elitista-arianizante das classes dominantes (Nascimento, 2002, p.97).

E para que isso aconteça é preciso que nossas filhas/es/os, netas/es/os, bisnetas/es/os, tetranelas/es/os e etc., deem continuidade à nossa história, assim como diz Antônio Bispo dos Santos (2021), nossa história é sobre começos meios e começos: “Nós, habitando nos rincões, atingimos a proximidade da redondeza. Nós somos o começo, o meio e o começo. Existiremos sempre, sorrindo nas tristezas para festejar a vinda das alegrias.” (p.23)

Conversar com nossa geração avô. Quem não tiver avô, que peça emprestado os avós dos outros. Na sociedade eurocristã monoteísta a geração avô não tem valor. A família é entendida como mãe-pai-filho. E isso tem um fundo bíblico, porque Deus é pai, mas não é avô. A cosmologia desse povo tem começo, meio e fim. Nós temos começo, meio e começo de novo. A sociedade eurocristã coloca o avô no asilo e o neto na creche. O povo quilombola respeita os mais velhos e as crianças (SANTOS, 2021)

E só será possível dar continuidade à história e aos estudos afro-brasileiros e africanos se eles estiverem disseminados em nossos currículos, dentro das escolas e instituições, se estiverem para além do mês da Consciência Negra, para além das práticas de livres escolhas. Se, de fato, a nossa história puder ser acessada e contada em sua inteireza. Caso contrário, estaremos apenas encenando emancipação e reparação a nós e à nossa ancestralidade.

É sobre pertencimento, é sobre fazer parte, é sobre construir juntas/es/os, é sobre poder contar os bons feitos por pessoas negras, é sobre respeitar histórias e trajetórias, é sobre mim e sobre nós que se torna urgente pensar e construir uma proposta de ensino que pautar sobre a diversidade que somos.

O que seguirá fala do desejo de pertencer e de muitas inquietações. Sempre questionei o porquê de não existirem referências negras para eu estudar dentro das ementas obrigatórias do meu curso, chegando a contestar meus professores e não obter respostas convincentes. Presenteada, olho para o céu e agradeço, fui selecionada para um processo do Programa de

---

e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras brasileiras. Fundador do Teatro Experimental do Negro (TEN), companhia que atuou entre 1944 e 1961, confrontando a falta de representatividade e dignidade negra nas Artes Cênicas brasileiras.

Iniciação Científica (PIBIC) no final da minha Graduação, no ano de 2023, e eu pude pesquisar sobre *Artes Cênicas e Universidade (re)pensamento curricular de intervenções antirracistas*.

Esta pesquisa foi orientada pelo professor Érico José Souza de Oliveira<sup>3</sup>. Mais do que respostas, busco questões que nos ajude a encontrar caminhos e que juntas/es/os possamos nos aquecer de afetos e fortalecimento em busca de saídas que não nos enrijeçam, mas que nos fortaleçam e nos provoquem inquietações sempre, para questionar o que acreditamos está em desalinho. Aquim ecoo Frantz Fanon<sup>4</sup>. Como reafirmação das minhas inquietações: “Oh meu corpo, faz de mim sempre um homem que questiona” (FANON, 2016).

Pude investigar, através da análise dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC's) e das referências bibliográficas presentes nas disciplinas obrigatórias, um processo de ausências negras, a presença do racismo que estrutura o currículo das Artes. Seguindo, destaco o quanto ainda estamos pautados por conhecimentos hegemônicos eurocêtricos. Nota-se o quanto é urgente avançarmos, pois o racismo permanece se remodelando conforme os anos vão passando e ele não dá trégua.

De acordo com o filósofo e jurista Silvio Almeida, ministro da igualdade racial, quando se admite a existência do racismo, cria-se automaticamente a obrigação moral de agir contra ele: — A negação é essencial para a continuidade do racismo. Ele só consegue funcionar e se reproduzir sem embaraço quando é negado, naturalizado, incorporado ao nosso cotidiano como algo normal. Não sendo o racismo reconhecido, é como se o problema não existisse e nenhuma mudança fosse necessária. A tomada de consciência, portanto, é um ponto de partida fundamental (WESTIN, 2020).

Podemos perceber a atualização do racismo através das omissões em relação à efetivação da lei 10.639/2003, que comemora seus 20 anos na teoria, já na prática vem apresentando desafios para ser implementada. Com isso, apresento o seguinte questionamento:

---

<sup>3</sup>Erico José Souza de Oliveira é professor doutor do Departamento de Artes Cênicas, da pós-graduação em artes cênicas da UnB e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Culturas Populares (UFS), como colaborador. É vice-líder do G-PEC (filiado ao CNPq desde 2006). Organizador do livro "Matrizes estéticas na cena contemporânea: diálogos entre culturas, práticas, pesquisas e processos cênicos (2021) (EDUFBA-Salvador), e do e-book "Artes Cênicas e Decolonialidade: Conceitos, Fundamentos, Pedagogias e Práticas (2022) (E-Manuscrito-São Paulo). Vencedor do 1o Prêmio BALOGUN Abdias do Nascimento com o artigo publicado no livro "Negritudes: protagonismos, culturas e territorialidades" (2022) (Terra Escrita-Rio de Janeiro).

<sup>4</sup>Frantz Fanon é um dos intelectuais mais influentes na área dos estudos pós-coloniais e nas lutas pela independência das ex-colônias europeias. Médico, filósofo, político pesquisador do colonialismo e militante da independência africana. Autor de “Pele negras, máscaras brancas” um clássico do pensamento decolonial, publicado pela primeira vez em 1952.

Quais os caminhos que precisamos seguir para termos uma educação com compromisso ético na relação humana?

Diante dessas inquietações e na busca por uma proposta curricular mais equânime, início meu processo de pesquisa, analisando os PPC's, levantando dados quantitativos de referenciais negras/es/os presentes nos currículos dos cursos de Artes Cênicas, criando um carômetro das ementas dos cursos de Licenciatura e Bacharelado<sup>5</sup>, a fim de comprovar a presença do racismo estrutural vigente nos currículos do ano de 2023, além de apresentar as leis e resolução que garantem a obrigatoriedade do estudo e ensino da história e cultura afro-brasileira no Ensino Superior. Assim, ao longo deste trabalho apresento algumas perspectivas e desafios que ainda precisaremos avançar em relação ao currículo.

No terceiro capítulo, intitulado *Procurando agulha no palheiro*, apresento as referências negras do currículo, buscando movimentar o seguinte questionamento: “Nós, sujeitas/es/os da Educação, estamos obstruindo a Educação ou nos movimentando a favor de uma educação que seja de fato para todas as pessoas?” Trago como referência Nilma Lino Gomes que apresenta como reflexão a descolonização do currículo.

No quarto capítulo, *Potencial antirracista*, apresento alguns resultados da pesquisa como fragmentos de inícios do que poderia ser uma Educação Antirracista, mas não é, pois aparece como disciplinas não obrigatórias, localizadas às margens do currículo. A este capítulo recorro aos escritos de José Jorge Carvalho<sup>6</sup> e Alexandra Gouvêa Dumas, no sentido de vivenciar a luta antirracista dentro do Departamento de Artes Cênicas, buscando compreender que ações efetivas podemos traçar para combater as ausências e combater o *epistemicídio* termo cunhado por Sueli Carneiro.

Aparecida Sueli Carneiro, nascida em São Paulo, 24 de junho de 1950 é uma filósofa, escritora e ativista antirracista do movimento negro brasileiro. Fundadora e atual diretora do Geledés- Instituto da Mulher Negra e considerada uma das principais autoras do feminismo negro no Brasil. Possui doutorado em filosofia pela Universidade de São Paulo. A primeira

---

<sup>5</sup> O curso de Bacharelado dura 3,5 anos e o de Licenciatura 4, e a prática inviabiliza o curso nesse tempo regular.

<sup>6</sup> Possui Ph.D. em Antropologia Social por The Queen's University Of Belfast (1984); pós-doutorado pela Rice University (1995) e pos-doutorado pela University of Florida (1996). Foi Catedrático Tinker Professor na University of Wisconsin - Madison (1999). Atualmente é Professor Titular no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, Pesquisador 1-A do CNPq e Coordenador do INCT - Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia e Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, do Ministério de Ciência e Tecnologia e do CNPq. Seu trabalho como antropólogo se desenvolve principalmente nas seguintes áreas: Etnomusicologia, Estudos Afro-brasileiros, Estudo da Arte, Religiões Comparadas, Mística e Espiritualidade, Culturas Populares, e Ações Afirmativas para os Negros e Indígenas.

mulher negra a receber o título de doutora honoris causa da Universidade de Brasília. Uma mulher sublime.

Para Sueli Aparecida Carneiro, o epistemicídio é uma das estratégias de assujeitamento que constituem aquilo que ela nomeia, a partir dos estudos de Michel Foucault, como dispositivo de racialidade. Segundo a autora, no contexto da dinâmica das relações raciais no Brasil, “a racialidade constitui-se um domínio que produz poderes, saberes e subjetividades pela negação e interdição de poderes, saberes e subjetividades” (Carneiro, 2023, p.12) já que a existência e afirmação do ser das pessoas brancas se dá pela negação do ser e existência das pessoas negras.

Assim, o epistemicídio, conceito que ela antropofagiza de Boaventura de Sousa Santos<sup>7</sup>, evidencia “o papel da Educação na reprodução e permanência de poderes, saberes e subjetividades que o próprio dispositivo [de racialidade] produz” (Carneiro, 2023, p.12). De acordo com Sueli Carneiro, o epistemicídio é:

uma forma de sequestro, rebaixamento ou assassinato da razão — as pessoas negras são anuladas enquanto sujeitos do conhecimento e inferiorizadas intelectualmente. Destaco também, dentre os elementos do dispositivo de racialidade, as múltiplas interdições das pessoas negras que, além de serem assassinadas intelectualmente, são interditadas enquanto seres humanos e sujeitos morais, políticos e de direito. Com a função de produzir exclusão, as interdições — presentes tanto na produção discursiva quanto nas práticas sociais — promovem a inscrição de indivíduos e grupos no âmbito da anormalidade, na esfera do não ser, da natureza e da desrazão, contribuindo para a formação de um imaginário social que naturaliza a subalternização dos negros e a superioridade dos brancos. (Carneiro, 2023, p.12-13)

---

<sup>7</sup> Boaventura de Sousa Santos nasceu em Coimbra. Licenciou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra em 1963. O sociólogo Português estudou filosofia do direito. Fez uma pós-graduação. Na Universidade de Yale, fez doutorado. A sua tese de doutoramento, publicada pela primeira vez em português em 2015 (Direito dos Oprimidos, Almedina), que resultou do trabalho de campo centrado em observação participante numa favela do Rio de Janeiro. No entanto o referido professor, é denunciado por assédio sexual e afastado dos cargos institucionais. Acusado por extrativismo sexual e abuso de poder no meio acadêmico.

## **1.1 OBJETIVOS**

### **1.1.1 Objetivo Geral**

Sugerir e discutir uma revisão curricular dos cursos de graduação em Artes Cênicas da UnB, através do estudo e análise de seus atuais currículos. E a implementação de bibliografias antirracistas na estrutura curricular.

### **1.1.2 Objetivos Específicos**

- Investigar os currículos e os projetos pedagógicos dos cursos de graduação, Licenciatura e Bacharelado em Teatro da Universidade de Brasília, partindo de reflexões sobre racismo, antirracismo e relações étnico-raciais.
- Analisar ementas e referências bibliográficas partindo das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, do Ensino Básico, e da Resolução CNE/CP nº 01/2004, do Ensino Superior, e das inquietações que guiaram essa pesquisa

## **2 METODOLOGIA**

Escolher um processo metodológico é mergulhar em águas turvas. Procurando possibilidade de encontros, este trabalho coleta dados, dentro dos princípios da investigação quantitativa e qualitativa, realizado por meio de técnica de investigação indireta. Parte de uma proposta metodológica crítico-analítica sobre pensamento político-pedagógico curricular dos cursos de graduação em Teatro, nas habilitações Bacharelado e Licenciatura.

A pesquisa acontece a partir da ausência (cadê as autorias negras?) no levantamento e análises escritas do Projeto Pedagógico de Curso e das referências negras presentes/ausentes na estrutura curricular dos cursos. Algumas perguntas orientam também este trabalho: o que tem de racista e antirracista no material? Quantas são as autorias negras que compõem as referências bibliográficas usadas nas disciplinas dos cursos de graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília? Quantas ementas e conteúdos curriculares tratam de temas antirracistas?

### 3 PROCURANDO AGULHA NO PALHEIRO

Peço para você que agora me lê, que compreenda as minhas inquietações. Elas não são deste tempo em que escrevo, mas de um legado de ausências em que busquei com muito afinho histórias de minhas ancestrais que não registrassem somente sofrimento e dor. Sempre fui muito consciente da minha negrura, ela sempre veio em primeiro lugar: os espaços, as relações, o mundo sempre me deixaram muito consciente de que eu sou uma mulher negra. Ser negra neste Brasil, não é fácil, são sequências de violações e movimentos para destruir nossos sonhos e nossa vida.

Teço aqui a importância de ler sobre mim através de referências negras, principalmente nas instituições que traçam a emancipação e a construção de profissionais que irão emaranhar-se com tantas outras diversidades, ao menos é o que esperamos. Celebro o movimento negro, intelectual e motivador, trampolim costurando e construindo futuro e sonhos, promovendo voos gigantes. Dou graças às que vieram antes de mim e nessa mesma busca continuaremos entoando nosso canto, construindo nosso lugar e nos emancipando das amarras do racismo.

Peço, por favor, que não enrijeçam meus escritos. As palavras usadas aqui são como um rio que se renova, se refaz e se desfaz também, mas sempre com a mesma intenção: nos emancipar das amarras do racismo. Vou me construindo... juntas/es/os buscaremos entender sobre o que mantém nossa relação humana saudável e possível para mim e para você. Sigamos esse baile. Peço licença para citar minhas referências bibliográficas de mulheres negras, fora da nota de rodapé: trago-as presentes na estrutura dos meus escritos, a fim de mostrar o respeito e a importância que elas têm.

#### 3.1 NILMA LINO GOMES – DANDO A LETRA

De início, Nilma Lino Gomes é uma mulher preta de tez escura, nascida em Belo Horizonte, pedagoga, primeira mulher negra do Brasil a comandar uma universidade pública Federal, ao ser nomeada reitora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, mulher de axé, de movimento negro e de incontáveis feitos, sonhadora e insurgente. Parafraseando Nilma em seu artigo *Relações étnico-raciais, Educação e descolonização dos currículos* (2012), a importância da abordagem das questões étnico-raciais na Educação, bem como a descolonização do currículo escolar são urgentes.

Ela observa ainda que a Educação deve ser inclusiva e respeitar a diversidade étnico-racial brasileira, valorizando e reconhecendo as contribuições dos povos afrodescendentes e indígenas para a formação da sociedade. A teoria educacional e o campo do currículo participam de um movimento de duas formas. A primeira forma, se dá de maneira interna, a qual pressupõe um questionamento ao caráter de hierarquização de um conjunto de obras e autores (no gênero masculino) como os únicos e fundamentais ao estudo e conhecimento epistemológico. E a outra forma é exclusividade epistemológica da ciência que se concentra nas relações entre a ciência e outros conhecimentos, ou seja, o questionamento recai sobre o centramento científico em detrimento da pluralidade de saberes para além da ciência.

Pode-se dizer que, na teoria educacional e na prática do currículo, esses dois conjuntos de epistemologias são produzidos por um movimento dinâmico: as reflexões internas à ciência e as questões colocadas pelos sujeitos sociais organizados em movimentos sociais e ações coletivas no campo educacional (Gomes, 2012, pág. 99).

Para avançarmos, reflito sobre a importância do debate ser para além das escolas e universidades, que ele quebre as paredes, mostrando possibilidades de como unir o que se aprende “na rua” e o que se aprende na instituição e como a cosmovisão junto à ciência podem trabalhar juntas. Com isso trago à tona o musical *Besouro Cordão-de-Ouro*, dirigido por João das Neves e apresentado no 4º Festival Internacional de Arte Negra (FAN), no dia 25 de novembro de 2007, em Belo Horizonte, Minas Gerais. O espetáculo tem como protagonista Besouro de Mangangá, homem negro, capoeirista que possuiu e ainda possui grande relevância na história dos negros no Brasil. A autora interrelaciona a peça teatral, a história de Besouro e a nossa ignorância cultural e epistêmica sobre as relações étnico-raciais.

Nilma Lino Gomes parte do musical de Besouro para aprofundar sobre a importância e papel da arte dentro das tensas relações étnico-raciais inerentes ao Brasil. Retrata a cena de abertura do musical e faz um paralelo com a luta da população negra no Brasil, e os processos de educação, reeducação e invisibilização destas narrativas históricas pelos currículos escolares e pela própria teoria educacional.

Destaco Nilma Lino Gomes, por ser mulher-negra e uma das mais importantes pensadoras da atualidade que aborda de forma direta e radical a questão educacional nas instituições. O fazer a afirmação de que “o movimento negro é educador”, ela aponta sua própria trajetória nessa história e também trajetórias e trejeitos de pessoas pretas. Demonstra o quanto é

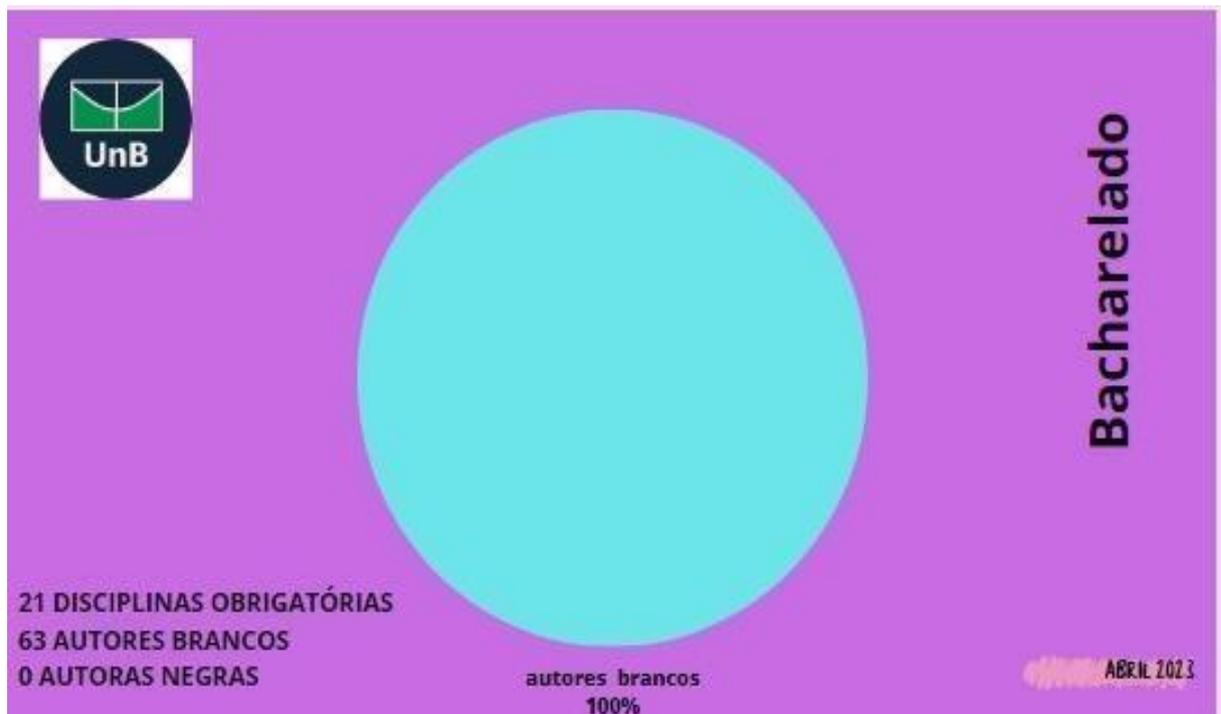
preciso buscar a si mesma para se emancipar, com sua longa trajetória acadêmica e dentro do movimento negro e, por isso, Nilma é uma das melhores referências, para mim, na atualidade.

Percebe: a arte e a vida caminham juntas. Ouso dizer que não teria cabimento serem dissociadas, sobretudo pelo poder que a arte tem de transformar histórias, mudar narrativas, mostrar outras perspectivas e subjetividades, mostrar também outras formas de produzir conhecimentos, ciências e encantarias que foram apagadas e/ou roubadas.

No entanto, quando não há presença no currículo para acessar tais ciências, há a constatação do epistemicídio dos estudos afro-brasileiros e africanos, assim como podemos detectar na análise da estrutura curricular dos cursos de Artes Cênicas. Não porque tais conhecimentos e saberes não existam, mas porque não são pensados para compor uma estrutura importante como é a institucional.

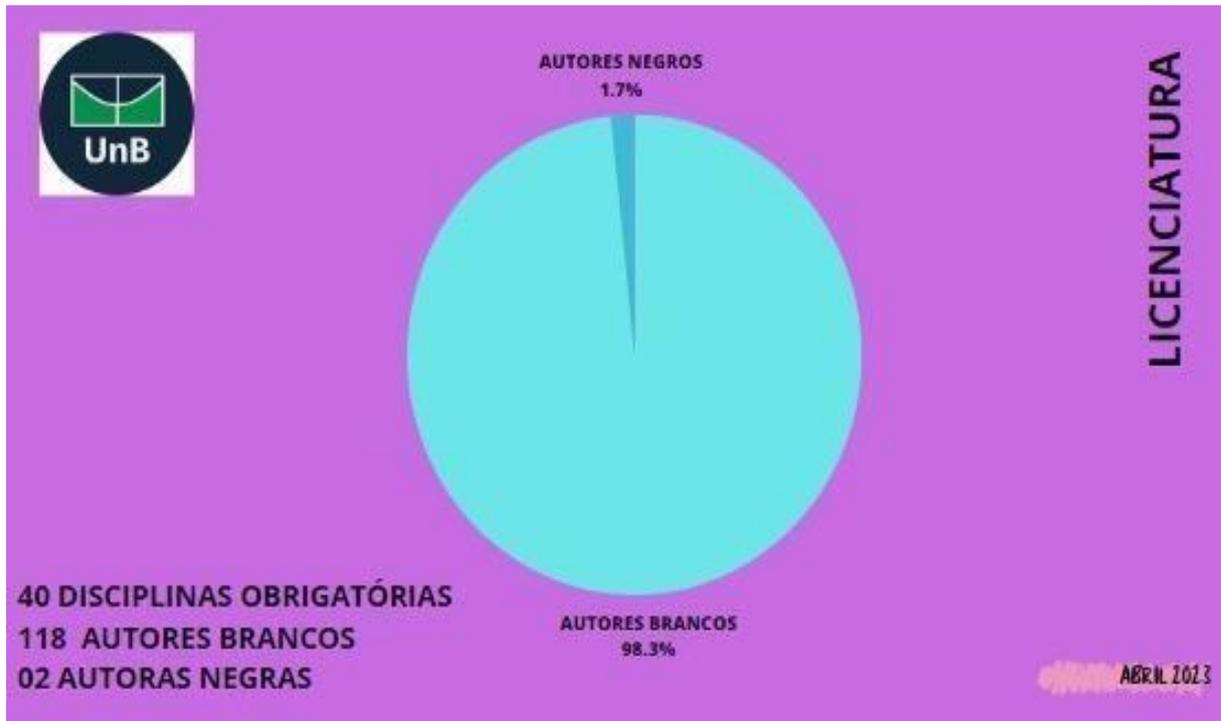
A seguir, as figuras apresentam dois gráficos que comprovam a quantidade de autores afro-referenciados nos cursos de Artes Cênicas, habilitações Bacharelado e Licenciatura.

Figura 1 - Gráfico autores Bacharelado



Fonte: Gráfico criado por Glau Soares (2023)

Figura 2 - Gráfico de autorias Licenciatura



Fonte: Gráfico criado por Glau Soares no Canvas (2023)

Usando como metodologia as três primeiras autorias das referências obrigatórias de cada disciplina, obtive como resultado 21 disciplinas obrigatórias do curso de Bacharelado e 40 disciplinas obrigatórias do curso de Licenciatura. Dessas referências, foram identificadas apenas duas referências negras no curso de Licenciatura e não há nenhuma autoria negreferenciada no curso de Bacharelado, totalizando duas referências negras em todo o curso de Artes Cênicas.

Aparecem menções no currículo a Leda Maria Martins e Stuart Hall:

Nascida no Rio de Janeiro, Leda Maria Martins se configura como uma das principais pensadoras do teatro brasileiro, sobretudo o teatro negro brasileiro. Docente da Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP Formou-se em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais e, devido à sua excelência acadêmica, realizou mestrado em Artes na Indiana University, entre os anos de 1978 a 1981. E Stuart Hall<sup>8</sup>, ambos na disciplina *Prática docente em relações étnicas*

<sup>8</sup> Stuart Hall (Kingston, 3 de fevereiro de 1932 — Londres, 10 de fevereiro de 2014) foi um teórico cultural e sociólogo britânico-jamaicano que viveu e atuou no Reino Unido a partir de 1951. foi uma das figuras fundadoras da escola de Estudos Culturais britânicos ou a escola Birmingham dos Estudos Culturais. Ele foi presidente da Associação Britânica de Sociologia entre 1995 e 1997. Stuart Hall é reconhecido por expandir o escopo dos estudos culturais para lidar com raça e gênero, além de ajudar a incorporar novas ideias derivadas do trabalho de teóricos franceses.

*e de gênero*. Essa disciplina não se encontra na cadeia curricular obrigatória. Faço menção a ela para percebermos que, com a pressão dos movimentos negros e com as políticas de ações afirmativas, mais pessoas negras conscientes estão ocupando as instituições de ensino. Logo, essas pessoas contestarão sobre as ausências de conteúdos afro referenciados.

Contudo, leio essa disciplina optativa como uma manobra que em certo grau reforça o racismo, pois ainda que o conteúdo esteja no currículo, não está com a importância que deveria. A situação atual é de que a disciplina talvez não encontre docente para lecioná-la. Logo, apresento duas interpretações: a primeira é que a instituição dirá que está cumprindo a lei, pois existe conteúdo afro referenciado sendo ofertado.

A outra é que, apesar de HOJE existir este conteúdo, este mesmo não chega a 2% em comparação aos referenciais brancos e, sem força no currículo, essa disciplina encontra-se à margem.

Concluo, portanto, que a existência dessa disciplina na grade optativa seria mais uma manobra de como o racismo opera na estrutura curricular. Busco agulhas (referenciais negros) em um palheiro (estrutura curricular) com o intuito de repensarmos a Arte e a Educação como possibilidade de reestrutura curricular a partir das diversidades que somos. Em que, de fato, possamos pensar a Educação de qualidade para todas/es/os e que caibam como referências pessoas negras e indígenas que não aparecem na estrutura atual de maneira proporcional e satisfatória.

Ao analisar a tabela abaixo, é possível perceber como estão estruturadas as referências bibliográficas dos cursos de Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

Tabela 1 – Ausências

<b>Bacharelado</b>	Autoria Branca	63	Autoria Negra	0	Disciplinas Obrigatórias	21
<b>Licenciatura</b>	Autoria Branca	118	Autoria Negra	2	Disciplinas Obrigatórias	40

Fonte: Projeto Pedagógico do Curso de Teatro da UnB (2023)

---

#### 4 POTENCIAL ANTIRRACISTA

Fluindo na pesquisa, no momento em que não acreditei poder obter uma estrutura antirracista, encontrei fragmentos, ainda que cheio de contradições.

O currículo da licenciatura, apresenta uma disciplina com duas referências negras (ainda assim, optativa). Apresenta também disciplinas que menciona conteúdo afro-brasileiro, citando apenas referências brancas, e isso causa embaraço.

Contudo, retomei o esperar. “Esperança é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...” (FREIRE, 1992, apud Cabral, 2015). Este mundo ainda é um espaço para sonhar, ainda em movimento. Trago à tona que o racismo na Educação é discussão para todas/es/os, que é um problema que o mundo precisa resolver: eu, você e nós precisamos movimentar ações efetivas para destruí-lo. Com arte, se tornam poeticamente políticas essas ações.

Apresento abaixo uma tabela com quatro disciplinas que compõem a estrutura curricular, referenciadas por conteúdos e autorias que se preocupam, de certa maneira, com a educação diversa e equânime, que entenderam que precisamos de um mundo mais justo, de uma educação social e acadêmica que aponte caminhos satisfatórios para todas as pessoas.

Tabela 2 – Ações Antirracistas

<p><b>CEN-0135</b> <b>FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA</b> - <b>60H</b></p>	<p>“Possibilitar, em processos de co-aprendizagem, um olhar diversificado sobre a arte, estabelecendo relações e diálogos entre os saberes humanos, em uma perspectiva descolonizadora”.</p> <p>disciplina menciona em seus objetivos os termos <i>decolonial</i> e <i>descolonizadora</i>. A disciplina não apresenta referenciais bibliográficos negros, mas menciona um referencial branco que possibilita abrir caminhos para essas discussões dentro do curso.</p>
<p><b>CEN-0012</b> <b>PEDAGOGIA DO TEATRO E DIVERSIDADE</b> - <b>60H</b></p>	<p>“Contribuir para o desenvolvimento de práticas teatrais pedagógicas inclusivas por meio da difusão de saberes e compartilhamento de experiências artísticas e pedagógicas na prevenção e enfrentamento de quaisquer formas de violação dos direitos humanos”.</p> <p>A disciplina apresenta como objetivo discutir assuntos que mencionam a questão étnico-racial, porém falta representatividade e as referências bibliográficas são brancas.</p>

<b>CEN-0018</b> <b>PRÁTICA</b> <b>DOCENTE EM</b> <b>RELAÇÕES</b> <b>ÉTNICAS E DE</b> <b>GÊNERO - 90H</b>	<p>“Vivência teórica e prática de elementos constituintes das relações étnicas e de gênero relacionadas às Artes Cênicas, em contexto de ensino aprendizagem das Artes Cênicas”.</p> <p>A disciplina apresenta duas referências de autorias negras: Stuart Hall e Leda Maria Martins.</p> <p>A cadeia seletiva é um grupo de componentes optativos dentro de uma determinada estrutura curricular, que a(o) discente deverá escolher dentre eles qual ou quais deseja cursar, conseguindo alcançar suas horas complementares.</p>
<b>CEN-0019</b> <b>PRÁTICA</b> <b>DOCENTE EM</b> <b>TEATRO DO</b> <b>OPRIMIDO - 90H</b>	<p>Apresenta o método de Augusto Boal, que é muito importante por abordar a relação entre oprimido e opressor e com isso discutir a sociedade como um todo, usando a arte. Porém Augusto Boal vem depois de Abdias Nascimento, que discute e transforma a arte a partir do Teatro Experimental do Negro. No entanto, não há menção a ele dentro das Artes Cênicas na Universidade de Brasília.</p>

Fonte: sigaa.unb.br (2023)

Em uma perspectiva antirracista, precisamos questionar que tipo de conhecimento as instituições de ensino estão transmitindo em seus cursos. Pensar que a arte é um lugar em que tudo é possível e que trabalhamos com imaginários, ficções, realidades. Logo, trabalhamos de forma direta a construção social, pois o mundo é imagem e discurso. Nós educadoras/es/ies, somos agenciadoras/es/ies de futuros, de projeções do que é aceito ou não, do que é bonito e belo, do que é feio e espantoso. Com urgência, precisamos mostrar toda a diversidade que somos, romper com silêncios sobre o racismo, traçarmos ações efetivas com a intenção de combater o perigo de contar uma única história. Trago Chimamanda com a intenção de apresentá-la em sua essência e a partir do que ela fala fomentar essa discussão.

Chimamanda Ngozi Adichie. (Nigéria, 1977) é uma feminista e escritora nigeriana. Reconhecida como uma das mais jovens autoras anglófonas de sucesso, atraindo uma nova geração de leitores de literatura africana. Escreveu seus primeiros contos quando tinha 7 anos. Aos 26 publicou seu primeiro romance, *Hibisco Roxo*, que, como o segundo, *Meio Sol Amarelo*, tem como palco sua Nigéria natal. Por ambos a escritora recebeu reconhecimento internacional e múltiplos prêmios, mas foi por *Americanah* que ela recebeu o mais prestigioso —o *National Book Critics Circle Award*, em 2013 (a Companhia das Letras publicou os três no Brasil)

Assim como adverte a romancista Chimamanda Andichie: “Então, é assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente,

e será o que ele se tornará”. (ANDICHIE, 2009). Nesse sentido é com a Educação que nós agenciamos o mundo em que habitamos, ser educador/a/e é (re) pensar pluralidades, diferenças e diversidades. Como afirma o antropólogo José Jorge de Carvalho: “a luta antirracista dos acadêmicos deve começar no ambiente acadêmico, assim como a luta descolonizadora deve começar na academia colonizada” (Carvalho, 2022, p. 336).

Com toda a compreensão das palavras do autor, precisamos falar sobre as leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008<sup>9</sup>, já que não podem e não devem ficar restritas apenas ao nível básico de escolarização. A Resolução nº 01/2004 do Conselho Nacional de Educação estabelece *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro- Brasileira e Africana* (BRASIL, 2004) no Ensino Superior.

Petronilha foi uma das pensadoras que se destacou neste processo. Leia quem foi Petronilha e o que ela tem a nos dizer em relação as diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva nasceu no dia 29 de junho de 1942, em Porto Alegre, no bairro Colônia Africana, atual distrito nobre intitulado Rio Branco. Possui licenciatura em Letras e Francês (1964), mestrado em Educação (1979) e doutorado em Educação (1987) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Assim como também concluiu o seu pós-doutorado pela África, na África do Sul em 1996.

De acordo com Petronilha Beatriz Gonçalves Silva (2007, p.34):

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, nos termos do Parecer CNE/CP 3/2004 (BRASIL, 2004a) e da respectiva Resolução CNE/CP/2004 (BRASIL,2004b), estabelecem a educação das relações étnico-raciais, como um núcleo dos projetos político-pedagógicos das instituições de ensino de diferentes graus e como um dos focos dos procedimentos e instrumentos utilizados para sua avaliação e supervisão. Dizendo de outro modo, ao se avaliar a qualidade das condições de oferta de educação por escolas e universidades, tem-se, entre os quesitos a observar, a realização de atividades intencionalmente dirigidas à educação das relações étnico-raciais.

Não se trata aqui de favores, e sim de leis que precisam ser cumpridas, essas que foram promulgadas às custas de muita pressão de movimentos negros e não recorrer a elas e planejar

---

<sup>9</sup> A implementação da lei 10.639/2003, alterada pela Lei 11.645/2008, determina: “nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena” como possibilidade de construção de novas experiências que propicie conhecimento sobre as diferentes culturas, povos e histórias; que contribua para o acolhimento e a valorização de sua diversidade e para a sua convivência nas relações sociais com outros grupos étnicos. Destaco que, sempre que mencionar em meus escritos a lei 10.639/2003, estarei também mencionando a lei 11.645/08 a fim de problematizar a falta das referências bibliográficas afro-brasileiras quanto indígenas.

dentro das instituições a fim de encontrar formas de implementá-las, só prova o quanto é difícil renunciar a privilégios e deixar de ser racista. Será nas entrelinhas que iremos desvendar os mistérios, tecendo ponto a ponto dessas leis e resolução, colocando em caixa alta nosso compromisso com a Educação, firmando pactos de aceitação e quebrando fragilidades. Não podemos mais aceitar falar de Arte-Educação somente de uma perspectiva branca, apagando nossos corpos, nossas referências, sem sentimento de pertencimento, permitindo que o racismo revele e todas as suas facetas e perversidades.

#### 4.1.1 ALEXANDRA DUMAS – DANDO A LETRA

Alexandra Gouvêa Dumas é professora doutora do Departamento de Fundamentos do Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com pesquisa sobre festas populares africanas e afro-brasileiras. Recebeu menção honrosa no Prêmio Capes de Tese 2011. Cofundadora, professora e ex-coordenadora do Mestrado em Culturas Populares da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atua como docente e pesquisadora nos seguintes temas: pedagogia teatral afro-referenciada, teatro e culturas populares, manifestações cênicas afro-brasileiras e estudos do teatro negro. Realiza seu segundo pós-doutorado (2022-2023) na Universidade de Brasília (UnB) com pesquisa sobre o tema Encontro de Saberes, currículo e questões raciais.

Como lembra a professora doutora Alexandra Gouvêa Dumas (2022) a epistemologia branca-europeia ocupa a maioria das referências bibliográficas presentes na construção literária de formação nas Artes Cênicas.

Talvez se tivéssemos tomado outros “rumos”, muitos de nós, pessoas negras, nos encontraríamos em outro estado de presença. Porém, sabemos que quase toda a vida “tomamos um norte”, (expressão usada para se direcionar a caminhos “assertivos”, principalmente em pesquisas acadêmicas) e esse “Norte” direciona nossos feitos, nossas pesquisas e valida nossa profissão, uma vez que as referências são os cânones do teatro - homens brancos, ocupando um padrão de pensamento, de imaginário de construção artístico-social.

Estes se encontram, em sua grande maioria, geograficamente falando, ao norte (Europa, Estados Unidos) ditando regras e nos forçando a cumpri-las a contragosto, muitas vezes para sermos aceitas/es/os, validadas/es/os e obtermos progressos. Me inquieto e sigo, construindo essa pesquisa com referências que não me dão um norte, e sim que me apontam um “sul” de volta para casa, citando como referências, pessoas negras. Exercitando então movimento

Sankofa. Sankofa (palavra Twi, uma da língua do tronco étnico-linguístico Akan; san-voltar/retornar; ko- ir; fa- buscar) é parte dos Adinkras, uma escrita simbólico proverbial dos povos Akan, localizados na África Ocidental.

(...) Adinkra significa “despedida” ou “gesto de adeus” na língua Twi, possuindo sentido mais profundo como “soltura” ou “emanação” do kra, termo dicionarizado cujo sentido mais aproximado para a mentalidade ocidental é alma. Assim sendo, Adinkra é bem mais que um símbolo gráfico. (Maurício WALDMAN, 2017. Pg.5

São aproximadamente 80 símbolos com imagens difundidas em estamparias têxteis, cerâmicas, adereços arquitetônicos, pingentes e outros objetos. Cada um com seus significados ancestrais.

Com a ancestralidade nos movimentando sempre, seguimos combatendo a reprodução de currículos altamente eurocêntricos e monoepistêmicos no que diz respeito aos estudos do teatro:

[...] Não se trata de desconsiderar a relevância de experiências teatrais europeias, mas, sobretudo, problematizar a sua preponderância e o consequente apagamento das demais referências que também constituem a formação cênica brasileira, em destaque as da cultura negra (Dumas, 2022, p. 158-159).

Não podemos esquecer da história, do apagamento e da luta por igualdade social a qual seguimos lutando durante muitos séculos. Historicamente, o movimento negro se organizou e lutou com muito afinco para podermos existir dentro da academia, pois não havia sequer pessoas pretas nas escolas. essa ausência também é fruto do racismo que proibiu durante muito tempo a escolarização de pessoas negras.

E ainda assim, os índices hoje de evasão dessas instituições, apresentam como destaque a população negra. Sabemos que vários fatores como pobreza, problemas de saúde mental, invalidação, falta de pertencimento juntos ao racismo provocam essa evasão. O que nos chama a atenção para não tratarmos as ausências dos estudos afro-brasileiros de forma paliativa e irmos direto à causa central, que é o racismo presente no currículo e nas instituições de forma generalizada.

Alexandra Gouvêa Dumas segue a linha dos estudos decoloniais e denuncia o racismo epistêmico, a matriz de conhecimento monocultural e o eurocentrismo presentes nos currículos dos cursos de Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Dumas salienta que o estudo realizado possibilita “[...] contribuir para ampliação epistêmica de uma universidade que represente cada vez mais a multiculturalidade que a habita sobretudo através de seu corpo discente e da ampla sociedade que a abraça” (Dumas, 2022, p. 156).

Com isso, percebe-se que o movimento de mulheres negras no Brasil é de uma gigantesca contribuição. Graças também aos movimentos sociais geridos por mulheres negras

é que hoje é possível debater e discutir de uma forma institucional a educação emancipatória, a educação contra colonial. Podemos trazer para dentro das instituições várias pensadoras/es/os negras/es/os que estão com e para além de suas subjetividades, na luta pelo coletivo.

O combate ao racismo no Brasil pressiona e tenciona os lugares de poder, reivindica a luta por políticas públicas afirmativas que apresenta a população preta como também pertencente aos direitos sociais, em especial à Educação, que é uma ferramenta crucial para a emancipação. Com essas ações, os cenários, ao menos de forma oficial, mudaram, pois temos hoje as leis 10.639/03 e 11.645/08 que tornaram obrigatório o ensino das culturas e histórias africanas, afro-brasileiras e indígenas, para favorecer o combate ao racismo nas escolas.

Temos também as políticas de ações afirmativas, as reservas de vagas para pessoas negras em vestibulares e concursos, também conhecidas como cotas, que abriram portas-sonhos a milhares de pessoas negras. Recentemente, avançamos com mais uma linda conquista que foi a PL 5384/2020, que foi sancionada no dia 13/11/2023, pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e que inclui os quilombolas na reserva de vagas. Juntas/es/os celebramos os nossos feitos e avanços em busca de uma educação que faça sentido.

#### Nota de Respiro

Repenso. Sobre a importância do dever ético e político de como levar a discussão educacional negra adiante, de não enrijecer a história baseada apenas em uma episteme. Não podemos perder a aliança e nem esquecer qual o papel que nós, sujeitas/es/os educadoras/es estamos exercendo na sociedade. Precisamos, na verdade, lembrar sobre a história e o tempo em que as ações acontecem. Afinal, temos responsabilidade em todo esse emaranhado: é preciso esperar.

## 5 ARTIVISTA: DANDO VOZ AO SONHO

Até aqui, apresento a importância de se ter um currículo equilibrado, mostrando alguns resultados e perspectivas em relação aos estudos étnico-raciais. Contudo, percebo que para além de escritos, estatísticas, discursos é preciso tecer ações práticas para construir um currículo que de fato aconteça. Com isso, me construindo nessa possível profissão/missão educadora, decidi unir a forma como percebo o mundo com o meu fazer profissional.

E é na graduação que dou voz a este “sonho”. Tracei um compromisso para mim, talvez o mais ousado até aqui, de buscar entre as vielas dessa instituição espaços em que eu pudesse existir em minha inteireza, com a minha negrura e minha forma de perceber e sentir o mundo. E foi por isso que no meu primeiro semestre do curso, em 2017, questioneei a falta de referências negras em uma determinada disciplina que já me incomodava em outros aspectos. Ressalto que minha formação de vida é baseada em referências que lutaram e lutam muito por suas emancipações neste mundo, não chego alijada delas. Mas foi no último semestre, em 2023, nesta escrita, que estou dando voz ao “sonho” da maneira que considero assertiva.

Na culminância de vários fazeres dentro e fora dessa instituição, neste processo de formação, me mantive focada no que de fato quero ofertar para o mundo: Uma nova forma de pensar a arte, referenciar a beleza que é ser uma artista negra, evidenciar outras pessoas negras impulsiona-las nesse movimento, com o objetivo de alimentar seus sonhos e suas criações se apoiar em suas coletividades com bom animo e alegria. Reparar a história de nossos povos, entendendo que a arte transforma. Sigo agora com algumas contribuições práticas do compromisso profissional que tracei.

No 1º semestre de 2019 me vinculei como membra-bolsista ao Centro de Convivência Negra (CNN), propondo e discutindo ações de combate ao racismo na academia, tendo a oportunidade de conhecer e me aproximar mais dos meus pares como, por exemplo, indo a atividades e encontros no Quilombo Mesquita. Fui convidada pelo Instituto de Ciências Políticas da UnB, a ser debatedora do filme *Cidade de Deus* (2002), filme dirigido por Fernando Meirelles e Kátia Lund, que retrata o protagonismo de um elenco negro, e pude abordar sobre o que isso fomenta em relação à noção de representatividade.

Ao longo da graduação, participei como produtora de várias ações enegrecidas, mas duas se destacam por terem sido fortalecidas por toda a comunidade acadêmica: 1º Seminário Corpo, cena e afro epistemologias, do grupo de pesquisa Cena Sankofa (UnB) e Corpografias (IFB), e a segunda Semana da África na UnB:

Realizada pela primeira vez em 2017, por iniciativa de estudantes africanos na UnB, a Semana da África tornou-se um evento esperado nos dias que circundam o 25 de maio – Dia da Libertação da África e da Organização da Unidade Africana, em 1963. Agora, ela é organizada pelo Decanato de Ensino de Graduação (DEG) (CEREJO, 2023).

Ao longo desse processo de minha formação docente, também ofertei várias oficinas voltadas para as questões étnico-raciais. Na Mostra Competitiva de Cinema Negro Adélia Sampaio atuei como preparadora de elenco por três anos consecutivos. Também fui preparadora de elenco do documentário ficcional *RUMO*, que apresenta em sua temática a importância das cotas para sonhos de pessoas negras. Aqui, abro um parêntese para este processo que foi e está sendo urgente para este tempo presente: *RUMO* é sobre a poesia da arte em encontro com a vida, em que a personagem ganha asas e voa, em que um elenco preto de dentro e de fora da universidade se une e faz a história acontecer.

Hoje celebramos o voo de minha parceira de cena, de vida e de história a Leni Ângela Gomes Rabi (Negra), que ingressou no curso de Artes Cênicas no ano de 2020, Leni, atuou no filme *RUMO*, aos 57 anos. Essa vitória é de todas/es/os nós.

Apresento a sinopse de *RUMO*:

Rumo é um doc-ficção que discutirá as cotas raciais na Universidade de Brasília, na perspectiva de uma família, em que mãe e filho pretendem ingressar na universidade. Em meio às vivências das personagens, o filme reconta a trajetória de 15 anos dessa política afirmativa que alterou profundamente a UnB. Elas foram responsáveis por uma revolução lenta e silenciosa que mudou o perfil dos alunos e trouxe para o centro das discussões, as pautas raciais (Benfeitoria, 2019).

Para falar de *RUMO*, preciso mencionar o coletivo EnegreSer<sup>10</sup> que também compõe o elenco deste doc-ficção, e que existe desde 2001:

O protagonismo dos estudantes negros na proposição e implementação da política de cotas. EnegreSer foi protagonista das campanhas institucionais pelas cotas e dos discursos mais inesquecíveis nas discussões para aprovação das cotas, infelizmente essa presença ainda é ofuscada no discurso institucional. O desenho da política de cotas para estudantes negros previu a possibilidade de fraudes e existência de instâncias de verificação. Apesar disso, em 2013 a UnB interrompeu as suas bancas de verificação, só as restabelecendo em 2023 (Negreiros, 2023, p.9) .

---

<sup>10</sup> O coletivo EnegreSer criado por estudantes negros da UnB é um dos responsáveis pela implementação das cotas na instituição, tendo como integrantes Rafael dos Santos Nunes, Lia Maria, Gilmar Santos, Bruna Rosa Dias, Cris Pereira, Flávia, Ana Flávia Magalhães, Dalila Negreiros, Nelson Inocência e tantas outras pessoas negras que passaram pelo coletivo. Criado em 2001, tem 19 anos de coletividade. Discentes que tornaram docentes da Instituição até hoje articulam e lutam por políticas de ações afirmativas.

*Nosso jornal* é um material com conteúdos afro referenciados, feito pelos ex-integrantes do coletivo EnegreSer, que hoje são formados e continuam fazendo um lindo trabalho para a comunidade acadêmica.

Apresento outra figura também das Artes Cênicas, hoje é professor da Secretaria de Estado de Educação do Governo do Distrito Federal: Rafael dos Santos Nunes, que protagonizou e integrou o coletivo EnegreSer e que, para além das lutas a favor de pessoas negras, é meu amigo, tio- avô dos meus filhos e que por anos atuamos em dupla, ele como professor e eu como educadora social.

Nós, como integrantes do coletivo de teatro *Elementos Pretos*<sup>11</sup>, fizemos muita arte negra. Seguiremos em movimento, até o nosso próximo encontro, eu agora como educadora-artivista. Tive a oportunidade de estagiar na Faculdade de Saúde da Universidade de Brasília como articuladora cultural, em que pude promover rodas de conversas para falar de saúde mental da população negra e mediar debates riquíssimos em relação às questões raciais dentro e fora do Departamento de Artes Cênicas. Pude ser aquilo que me propus a ser na arte e na vida. Seguirei.

Apresentei até aqui alguns feitos dentro de um processo de cinco anos e, com toda certeza, esse recorte da minha história tem um impacto imenso em toda minha estrutura formativa e de como seguirei daqui pra frente. Entendo que o processo educativo se fortalece naquilo que é problematizado, no qual é investido energia que se faz na presença. E desejo que eu, enquanto educadora-artivista, assumindo um território, não me enrijeça em meus movimentos. Que eu esteja sempre preparada, mas nunca pronta. Que reinvente mundos possíveis, com respiros entre o caminho percorrido. É que educar é estado de presença, poesia e desafio. Dou-me o título de ativista, inspirada na ideia política de se manter uma intervenção político-social, através da arte-educação.

---

<sup>11</sup> Elementos Pretos coletivo de teatro que questiona o racismo no Brasil, com produções autorais e políticas. idealizado por Rafael Santos Nunes, Adriana, Glau Soares, Dilmar Zambi, Wilton, Izabel, Anin Urasse. Com rotatividade de várias pessoas que passaram por ele. Criado para pensar teatro, estéticas teatrais, estudos afro-referenciados, oficinas para pessoas negras da comunidade.

Alguns caminhos percorridos:

Figura 3 – Pretinhsidades



Fonte: acervo pessoal

Figura 4 – Documentário *RUMO*

Fonte: fotografias de Glau Soares durante a produção do Documentário-ficção “RUMO” feita por Bruno Victor-2022

Continuaremos nossa conversa entendendo que nessa experiência acadêmica, construí meu currículo, indo atrás de disciplinas e ementas que referenciavam autorias negras, como a disciplina chamada *Cultura, Poder e Relações Raciais*, na qual pude entrar em contato, através de uma ementa que referenciava muitas autores e autores negros que discutem sobre as relações étnico-raciais, pensadoras e pensadores engajadas e engajados dos movimentos negros desde a década de 1970, como Abdias do Nascimento, Cida Bento, Sueli Carneiro, Angela Davis, Nilma

Lino Gomes, entre outros nomes que compõem a história de luta por uma Educação justa.

Destaco aqui Angela Davis: Mulher negra Nascida no Alabama, em 1944, Angela Yvonne Davis é, professora emérita do Departamento de Estudos Feministas da Universidade da Califórnia em Santa Cruz, e ícone maior da luta pelos direitos civis, pelo feminismo dos 99%, pela abolição da pena de morte, contra o encarceramento em massa da população negra e a violência policial contra latinos e afrodescendentes pobres. Luta pelos direitos civis das pessoas negras dentro e fora da academia. Referência mundial de suas sublimes atuações. Integrante do grupo mais conhecido do mundo os *Panteras Negras*. Uma das mulheres mais proeminentes, não apenas para os estudos interseccionais, mas também para os movimentos sociais que buscam combater, na prática, as estruturas gerativas das assimetrias de gênero, raça e classe, em todas as suas formas.

Essa disciplina me encorajou e fortaleceu como uma figura negra. E me ajudou a perceber como a Educação está interseccionada com outras várias questões, como gênero, riqueza, pobreza, território, religião, etc., dignas de serem discutidas também em um viés acadêmico. Destacar o quanto é importante a presença desses conteúdos, o quanto eles nos emancipam para a vida, aumentam nossa estima e nos encorajam a discutir temas tão latentes para nossa população.

No que cabe ao curso de Graduação em Teatro, nas habilitações Licenciatura e Bacharelado em Artes Cênicas, para falar em currículo decolonial, é necessário que haja uma mobilização por parte do Departamento de Artes Cênicas, das coordenações dos cursos, professoras/es, alunas/es/os e equipe administrativa, todas/es/os, para que se desconstrua o modelo curricular hegemônico, pensando nas múltiplas possibilidades de construção de saberes, incluindo cada vez mais referências não brancas em suas matérias de formação.

Ao passo que pessoas negras e não brancas ocupam seus lugares dentro de universidades, universidades essas que seguem o modelo hegemônico e contribuem para o racismo institucional, as instituições são forçadas a repensar suas posturas, currículos e pedagogias e, dessa forma, quem sabe, construiremos um saber ético, vivo e dinâmico.

[...] o currículo [...] é dinâmico e vivo. Constrói-se não somente nos conteúdos selecionados, mas no dia a dia dos sujeitos da escola, no não dito, no não oficial, no ocultado, no silenciado, nas relações, nas narrativas, nos discursos, nas histórias de vida, na vida on-line e off-line (Gomes, 2018, p. 260).

Com a fluência de corpos em movimento Nima Lino Gomes nos provoca a repensar nossas relações enquanto pessoas que se questionam em seus fazeres seja na vida pessoal seja na vida profissional. Pensar em que lugar da história nos encontramos? Qual o nosso papel social para que todas as pessoas possam ter seus direitos assegurados? A maneira como você se comunica, olha, fala, trás em sim uma bagagem histórica, ancestral. E cabe a você repensar se dará seguimento ou não.

Para uma perspectiva de democratização dos currículos e construção de um pensamento pedagógico emancipatório é preciso garantir uma permanência digna dessas pessoas que por tanto tempo tiveram suas narrativas marginalizadas, subjugadas e negadas, nas escolas e universidades do nosso país.

Ao escolher o currículo antirracista a partir do caminho de ação, se acolhe as ausências, aquilo que nunca fez parte. É, sobretudo, dismantelar o racismo e desconstruir pessoas que enrijeceram suas formas de ensinar, que detiveram o conhecimento e o congelaram a partir de seus privilégios. De fato, não é tarefa fácil de ser implementada, pois precisamos trabalhar a perda de privilégios de muitas pessoas detentoras e disseminadoras de conhecimento. Contudo, nunca desistiremos, até conseguir.

Os currículos refletem o país em que vivemos, um país em que a Educação é também responsabilidade do Estado. Sendo assim, os currículos irão reproduzir as ideias deste mesmo Estado. No caso do Brasil, um Estado formado em cima da exploração e subjugação de negros e indígenas. É preciso muito movimento, não basta apenas refletir, compreender, sentir muito.

## 6 CARÔMETRO

Para construir o carômetro precisei me atentar a artigos sobre banca de heteroidentificação, selecionando critérios que me permitissem fazer uma análise mais segura sobre identificar quem é negro quem é branco nas referencias dos currículos. A cor da pele foi a primeira análise a ser feita, sobre as imagens retiradas do google. Fiz enquetes sobre os rostos que tinha dúvidas se eram brancos ou negros.

[...] uma vez que “são visíveis as disparidades que marcam as dificuldades de acesso e permanência dos jovens brasileiros, particularmente dos negros e oriundos de famílias de baixa renda” (SENKEVICS, 2019)

Sendo assim, observando os traços individuais e como eles são reconhecidos socialmente sistematizei o “carômetro”.

Pensando nesse universo **ARTE**, que tece imaginários sociais, vinculados à beleza, ao que é estético e poético, proponho uma forma gráfica de perceber o racismo no currículo. Construí o carômetro fazendo uma analogia com as bancas de heteroidentificação, pensadas a partir de fraudes cometidas no processo de cotas. As bancas surgem com intuito de evitar essas fraudes de pessoas brancas querendo se passar por negras para ingressarem nas universidades.

A Lei nº 12.711/2012 garantiu que 50% do total de vagas nas universidades e institutos federais fossem reservadas para alunos que vieram de escolas públicas. Nesse recorte de 50%, as vagas são também oferecidas para pretos, pardos e indígenas. “No começo dos anos 2000, a cada 100 universitários, apenas 2 eram negros. Os Movimentos Negros começaram a formular propostas para a inclusão de cotas”, afirma Givânia Maria da Silva, co-fundadora e coordenadora do Coletivo de Educação da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ).

A adoção de políticas de ações afirmativas no ensino superior brasileiro contribui para ampliar o acesso de jovens de escola pública, de baixa renda, de **negros, negras e indígenas** e modifica o perfil dos estudantes de graduação (RISTOFF, 2016). De acordo com o mapa das ações afirmativas no Brasil, elaborado por José Jorge de Carvalho, no período de 2002 a 2012, 128 instituições de ensino superior (IES) aprovaram algum tipo de ação afirmativa para diferentes categorias. Do universo de 128 IES, 53 reservaram vagas para autodeclarados negros/negras (Carvalho, 2016).

Para o Movimento Negro sempre houve a preocupação de que as vagas destinadas a pessoas negras fossem preenchidas efetivamente por pessoas que apresentassem o fenótipo de pessoas negras. Como relata Carvalho (2020), desde o primeiro programa de ações afirmativas

para autodeclarados negros, adotado pela UnB, em 2004, já havia a preocupação que poderia ocorrer fraudes.

Apesar de já estarmos calejados de ouvir a história social do nosso país, sobre a privação de direitos educacionais para as pessoas negras, as estatísticas comprovando que pessoas pretas e pardas têm dificuldades para se manterem estudando por conta de outros atravessamentos sociais como, por exemplo, ter que trabalhar concomitantemente ao estudar, ou até mesmo dividindo o tempo entre estudos, trabalhos e cuidado de toda a família. Ainda assim, a branquitude tenta retirar qualquer conquista que nós, pessoas negras, tenhamos. Por essas e outras, as bancas de heteroidentificação existem.

No currículo, a mesma fraude acontece. Por isso, é relevante saber que a representatividade e o estudo dos povos e saberes afro-brasileiros são tão importantes quanto estudos brancos-europeus. Crio o carômetro como um documento, a fim de comprovar, a partir das imagens, a presunção da supremacia branca presente na forma de educar. A Supremacia não é uma realidade, mas uma suposição da mesma branquitude. De acordo com minhas análises, os grandes cânones do Teatro são brancos e, em sua maioria, europeus. Não enxergam o racismo presente em suas formas de transmitir conhecimento.

Abaixo apenas um recorte do racismo estrutural e estruturante:

Figura 5 – 100% white das Artes Cênicas



Fonte: Imagens retiradas do google (2023) carômetro 2023: <https://youtu.be/ePNb13ccNhQ>

Destaco Paulo Freire e Augusto Boal, por seus potenciais antirracistas, mas sigo problematizando as “caras” brancas deles pois, antes deles vieram outras figuras muito importantes para falar de um teatro social, que orienta sobre questões raciais e sociais, como Abdias do Nascimento, que sequer é mencionado no currículo, sendo apagado da história do Teatro.

Destaco aqui as duas figuras negras que estão situadas às margens do currículo, em uma matéria optativa, intitulada *Prática Docente em Relações Étnicas Raciais e de Gênero*, disciplina citada no currículo de Licenciatura em Teatro da Universidade de Brasília no ano de 2023.

Figura 6 – Preciosidades



Fonte: carômetro 2023

A partir dessas imagens podemos constatar o racismo no currículo de Artes Cênicas, de Licenciatura e de Bacharelado, vigente no ano de 2023.

É preciso perceber que estamos emaranhados em complexidade, lidar com o racismo não é tarefa fácil, sobretudo quando pleiteamos a educação para falar desse vazio sobre as relações étnicas raciais dentro da educação. Poder, política e leitura de mundo estão envoltos nas relações, é preciso fazer o exercício de se perceber. Fazemos parte de uma sociedade violenta dissimulada quando tratamos de racismo, no entanto é necessário confrontar/questionar qualquer forma de dominação.

Como se vê, é complexa, mas não impossível, a tarefa de tratar de processos de ensinar e de aprender em sociedades multiétnicas e pluriculturais, como a brasileira. Abordá-los pedagogicamente ou como objeto de estudos, com competência e sensatez, requer de nós, professores (as) e pesquisadores (as): não fazer vista grossa para as tensas relações étnico-raciais que “naturalmente” integram o dia-a-dia de homens e mulheres brasileiros; admitir, tomar conhecimento de que a sociedade brasileira projeta-se como branca; ficar atento(a) para não reduzir a diversidade étnico-racial da população a questões de ordem econômico-social e cultural; desconstruir a equivocada crença de que vivemos numa democracia racial. E, para ter sucesso em tal empreendimento, há que ter presente as tramas tecidas na história do Ocidente que constituíram a sociedade excludente, racista, discriminatória em que vivemos e que muitos insistem em conservar. (Gonçalves e Silva, 2007, p. 492-493).

Retomo os começos de Nego Bispo, fazendo desse desfecho, uma brecha para pensarmos futuro, indagando a você que me lê.

Serei eu futura professora, artista em movimento, vibrando algo que hoje não consigo tirar de minha existência: a militância negra. Quando gritaram-me negra, respondi com o ecoar do meu coração, com uma força ancestral alto e bom tom: “Negra sim! Negra sou”, e hoje não consigo me desvincular de minha negrura (Santa Cruz, 2013).

Agora, pensando Educação a partir do fazer artístico, do meu corpo em movimento pelo mundo, da prática docente, do ir-sendo educadora pergunto: pensar no Ensino de História e DIVERSIDADES, numa perspectiva decolonial e contra-colonial, exige falar com o diferente. Seria possível nossa mudança vir desse (re)encontro? A universidade quer isso? Pergunto a você, para juntas irmos pensando o próximo passo desse escrito.

### *Uma nota de respiro*

[..] Eu sonho mais alto que drones  
Combustível do meu tipo? A fome  
Pra arregaçar como um ciclone (entendeu?)  
Pra que amanhã não seja só um ontem com um novo nome [...]

(Emicida, 2019)

## 7 DE TODAS AS INQUIETAÇÕES, ALGUMAS PISTAS

Estruturar este trabalho, antes de tudo, é analisar nas entrelinhas meu próprio ser, ler histórias que retratem a minha, buscar e buscar, incansavelmente, não com o objetivo de chegar a algum lugar, mas com o objetivo de ser. Nasci em um mundo extremamente colonial, tiraram minha língua, minha história, mas não tiraram minha ancestralidade. Ao longo da história, meu povo tenta costurar, aglomerar e semear pistas de toda a poesia que somos. Cito diretamente Vitória Santa Cruz, em *Gritaram-me Negra* (2013), pois é uma voz que ecoa em todas as pessoas que são negras:

[...] Tinha sete anos apenas,  
apenas sete anos,  
Que sete anos!  
Não chegava nem a cinco!  
De repente umas vozes na rua  
me gritaram Negra!  
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!  
“Por acaso sou negra?” – me disse  
SIM!  
“Que coisa é ser negra?”  
Negra!

[...] E que ritmo tem!  
Negro Negro Negro Negro  
Negro Negro Negro  
[...] AFINAL  
E avanço segura  
AFINAL  
Avanço e espero  
AFINAL  
E bendigo aos céus porque quis Deus  
que negro azeviche fosse minha cor  
E já compreendi  
AFINAL  
Já tenho a chave!  
NEGRO

Temos muito a caminhar, a estrada é longa com muitas curvas sinuosas, que nos leva a quem sabe onde? Mas seguiremos inspiradas/es/os em nossa força de mover moinho.<sup>12</sup>

A Arte tem o poder de transformar a Educação e a forma de como vemos o mundo, ela não pode ser como tudo que é em desmantelo, precisamos pensar naquelas pessoas que são

---

<sup>12</sup> Durante esse processo, fui atravessada por muitas coisas, essas que não cabem em formato ABNT, choros, inspirações, sonhos futuros, forças e afetos que me rodeiam e que me movem, outras formas de ser espiraladas. Peço licença a você que me lê, para que meus escritos se configurem de modo que possa ser negra- potência.

esquecidas, machucadas, mortas por um racismo perene. Precisamos construir para mover outros mundos possíveis, trazer à tona nossas representatividades, culturas e tradições, de um lugar que não nos acorrente, mas de um lugar em que seja possível sonhar.

Nos refaçamos no trajeto e não permitamos mais desgovernos genocidas, algozes disfarçados de líderes, que tenhamos a responsabilidade de fazer escolhas inteligentes e assertivas. Que possamos analisar e retomar a lei nº 10.639/03, com o acordo ético e humano de cumpri-la. Que não sejamos apenas 2% em uma estrutura curricular. Que tenhamos em nosso carômetro mais caras pretas construindo saberes e disseminando-os para o mundo. E que nossas referências sejam apresentadas a nós. Ainda em tempo, dançaremos mais um baile.

## 8 CONCLUSÃO

Ao observar a lacuna existente entre o conhecimento eurocêntrico e os conhecimentos afro-brasileiros, indígenas e africanos, notou-se a necessidade de refletir sobre o racismo curricular, com ênfase na defesa da disseminação dos conhecimentos sobre outras culturas, em destaque às culturas e história afro-brasileira e africana, constatando seus potenciais em relação à ética humana e propondo mudanças na estrutura dos cursos de Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

Assim sendo, após tantos anos sem uma normativa concreta para minimizar os danos sociais que perduram e perpetuam ao longo dos anos, desde o período escravocrata quando pessoas negras eram proibidas de irem à escola, é inadmissível que escolas e universidades não respeitem a lei 10.639/2003, e não se empenhem para quebrar com uma das maiores formas de dominação possível, a Educação.

Como foi mostrado nas análises curriculares, nos projetos pedagógicos dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Cênicas, nas referências bibliográficas, no carômetro e na história da sociedade brasileira, a Educação é pautada em uma estrutura branca. Nota-se a urgência de refletirmos sobre a estrutura curricular, uma vez que se percebe que matérias afro-referenciadas encontram-se às margens do currículo, sendo ofertadas em quantidades irrisórias. Com isso precisamos questionar, quais educadoras/ies/es estamos formando? Quem estamos colocando em sala de aula? Se não existe uma formação antirracista, como essas educadoras/ies/es lidarão com as diversidades? A racialização como será mostrada a partir de educadoras/ies/es, brancas/ues/os e não negras/es/os? Chego aqui com mais dúvidas que certezas, sem necessidade de respostas únicas, de conclusões imediatas, já que a palavra quem comanda é o tempo, e este é ancestral. Continuamos a investigar e a fazer mais descobertas para uma Educação em que todes possam sonhar. Até porque, cada ser é um fio a entrelaçar, cada caminho uma bagagem a se levar.

Que essas bagagens que nos atravessam sejam regadas de cor, de afetos de construções coletivas, que possamos mergulhar, nos reinventar e perceber que “uma andorinha só não faz verão”. Para que a mágica aconteça, precisamos nos revolucionar juntas/es/os. O currículo vigente, reflete o país em que vivemos, este que mais mata pessoas negras por um racismo fundamentado pela branquitude.

O Brasil teve a sua constituição moldada pela violência da ocupação forçada tanto de espaço físico como de cultura e humanidade, estruturado pelo apagamento de povos originários

e povos africanos, estes trazidos forçadamente. Este mesmo país teve como a primeira lei da educação, a Lei nº 1 do Estado do Rio de Janeiro de 14 de janeiro de 1837, que enuncia: “São proibidos de frequentar as escolas públicas: Primeiro: pessoas que padecem de moléstias contagiosas. Segundo: os escravizados e os pretos africanos, ainda que sejam livres ou libertos”.

Assim foi firmado o racismo estrutural, forjado pelo Estado Brasileiro, país que recentemente, após mais de 100 anos do fim da escravidão, normatizou a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira, africana e indígena na educação brasileira, que possui a maioria de sua população nascida da herança (não quista) que a escravidão deixou. Que possamos levar adiante o dever ético e político de uma educação sem nenhuma discriminação e violência contra pessoas negras e indígenas.

Me escutem, vou cantar uma canção para mudar mentes: “Os rios solitários anseiam o encontro com o mar. Pedindo aos ancestrais que nos aproximemos do nosso lar”. Recusando-me a dar respostas concretas, apelo por minha existência. Deixem-me saber mais sobre mim, a parte bonita, inteligente, criativa, artista, educadora, etc. Escrevo agora para minha criança negra e a mulher que venho construindo, minha filha, meu filho, mãe, tias, a todas as pretinhsidades. Nossas vozes ecoam o espiralar de todas/es/os que vieram antes e das que estão por vir.

Neste tempo da história cabe a mim, apresentar o que considero como perspectivas de mudanças, no âmbito curricular, dos cursos de Artes Cênicas da UnB. Começamos por ocupar este espaço que por muito tempo nos fora negado. Nos dêem calma, sem nos perseguir por conta de nossa cor, para que possamos existir em essência. Podemos pensar em equidade social, que tal? Reconhecendo que existe racismo na estrutura de nossos currículos, porque o racismo existe primeiro em quem pensa, formula e constrói o que é o nosso curso de Artes Cênicas.

Coloquem disciplinas obrigatórias com temas étnico-raciais e cite referências negras. Somente duas caras negras não contemplam o infinito que somos, lembrando que existem infinitas autoras/es/os negras/es/os que falam de outras temáticas também. Não queremos apenas adereços sobre negritude, homenagens em datas, mostras em final de semestre Cometa Cenas, mas na estrutura do currículo. Seguimos firme, “Essa arte tudo pode”. Precisamos de ações efetivas para mudar.

Sugiro também pensarmos o currículo numa perspectiva intercultural, seguirei escutando com respeito e admiração os feitos de outras culturas, e pedirei o mesmo quando falar da minha. Sugiro fortemente formações antirracistas para docentes e demais

educadores/ies/as e comunidade acadêmica. Que não ocultem nossas pretinhsidades e nossa forma de projetar Arte. Valorizem nossa identidade como pessoas negras. Não se divirtam com piadas sobre nosso povo, e/ou nossa cor, nem usem neologismos para isso (se poupem, nos poupem). Podemos ir juntas/es/os nessa. E, para tal, é preciso acreditar. Acreditar em um mundo mais justo e feliz, em que não seja preciso matar uma pessoa negra a cada 23 segundos, arrancá-las de casa e violentá-las. Podemos comungar sem medo de perder privilégios e poder, podemos ir semeando e dividindo. Dançando então mais um baile.

“Começar sempre que precisar” (Glau Soares)

## 9 REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2023.

BENFEITORIA. **Filme Rumo**. 27 jun 2019. Disponível em: <https://benfeitoria.com/projeto/rumofilme>. Acesso em 25 nov. 2023.

BRASIL. **Lei nº 11.645/2008**, de 10 de março de 2008. Diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em: 13/11/2023.

BRASIL. Conselho Nacional da Educação. **Resolução Nº 1**, de 17 de julho de 2004. Dispõe sobre Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf> Acesso em: 13/11/2023.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CEREJO, Júlia. Semana da África oferece imersão cultural à comunidade acadêmica. **UnB Notícias**. 19 mai. 2023. Disponível em: <https://noticias.unb.br/112-extensao-e-comunidade/6555-semana-da-africa-oferece-imersao-cultural-a-comunidade-academica>. Acesso em 25 nov. 2023.

CORREIO BRASILIENSE. Visão do Correio: racismo se combate com educação. **Correio Brasiliense**. Brasília, 16 nov. 2023. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/opiniaio/2023/11/6655886-racismo-se-combate-com-educacao.html>. Acesso em: 17 nov. 2023.

DUMAS, Alexandra Gouvêa. Currículo e decolonização: discussões iniciais no campo do teatro (direção teatral- UFBA). **Revista Boletim Observatório da Diversidade Cultural**. V.96 N.01, 2022, p. 154-163, Junho. Julho. Agosto/2022.

EMICIDA. Amarelo. In: **AmarElo**. São Paulo: Sony Music e Laboratório Fantasma, 2019. CD musical. (48 minutos)

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUfba, 2008.

FREIRE, Paulo; BOFF, Leonardo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 21ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022**. São Paulo: FBSP, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=15>. Acesso em: 17 nov. 2023.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. BERNARDINO, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 223-246.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem fronteiras**, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.

GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. In: **Educação**. Porto Alegre, ano XXX, nº 3, 63, set.dez 2007, p.489-506. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2745/2092>. Acesso em 25 nov. 2023.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. 2ª edição. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares/ OR Editor Produtor, 2002

NEGREIROS, Dalila L. 20 anos de cota na UnB e o legado do Coletivo EnegreSer. In: **Nosso Jornal**. 6ª edição. Brasília, jun/2023, p.8-9. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/11dgXSXPaXcSm7AisDEyh7QOMgfyW8KSe/view>. Acesso em 25 nov. 2023.

SANTA CRUZ, Victoria. **Gritaram-me negra**. Rio de Janeiro: Youtube do Laboratório da Imagem Documental em Educação da Universidade Federal Fluminense. 27 ago 2013. Disponível em: <https://youtu.be/RljSb7AyPc0?si=vNYXCYywQjxLQtFG>. Acesso em: 25 nov. 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos (Nêgo Bispo). **Começo, meio e começo**. Brasília, nº 50, p.10-23, nov/dez, 2021. Disponível em: [https://revistarevestres.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Revestres50\\_online.pdf](https://revistarevestres.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Revestres50_online.pdf). Acesso em 17 nov. 2023.

WESTIN, Ricardo. Negro continuará sendo oprimido enquanto o Brasil não se assumir racista, dizem especialistas. **Agência Senado**. 22 jun. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/06/negro-continuara-sendo-oprimido-enquanto-o-brasil-nao-se-assumir-racista-dizem-especialistas>. Acesso em: 25 nov. 2023.

**O PERIGO DE UMA ÚNICA HISTÓRIA**. TED- Ideas Worth Spreading. 2023. Disponível em: [http://www.ted.com/talks/lang/por\\_br/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story.html](http://www.ted.com/talks/lang/por_br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html) . Acesso em: 23 dez. 2023.

BEZERRA, Roberto Cláudio Frota. Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno resolução Nº 1, de 17 de junho de 2004. **Portal Mec**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf> Acesso em: 23 dez. 2023

WALDMAN, Maurício. **Reflexões sobre a sabedoria Africana: Romper, rever, repensar em Sankofa**. Série Africanidades, nº 12. São Paulo (SP). Editora Rotev, 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORAS/ES NEGRAS/OS- ABPN.  
Implementação da Política de Cotas Raciais nas Universidades Federais. **Universidade Federal do Sul da Bahia UFSB**. Disponível em: <https://ufsb.edu.br/> Acesso em: 23 dez.2023

SENKEVICS, Adriano Souza; MELLO, Ursula Mattioli. **O Perfil discente das Universidades Federais mudou pós-Lei de Cotas?** Cad. Pesqui., São Paulo, v. 49, n. 172, abr./jun. 2019, p. 187.

CARVALHO, José Jorge de. Encontro de saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNADINO-COSTA, Joaze et al. (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 79-106.2019.

ALBERNAZ, Pablo de Castro; CARVALHO, José Jorge de. Encontro de Saberes: por uma universidade antirracista e pluriepistêmica. **Horizonte Antropológico**. Porto Alegre, ano 28, n. 63, p. 333-358, maio/ago. 2022.

